

Constituído de seis capítulos, *Interpretação do Brasil*, começando por tratar dos antecedentes europeus da nossa história, aborda os fatores humanos da expansão territorial e o tipo de economia desenvolvido no Brasil, o papel da região na formação da nossa sociedade, o lugar das etnias, a política exterior e os fatores que a condicionam, concluindo com um capítulo sobre a “literatura moderna do Brasil”, que, aliás, não se confina à literatura.

Interpretação do Brasil é uma das três obras de síntese fundamentais à compreensão em profundidade do pensamento do maior dos intérpretes da cultura do povo brasileiro. As duas outras obras de síntese são *Sociologia – introdução ao estudo dos seus princípios* (1945), explicitação e síntese do seu modo pessoal de entender essa ciência, e *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), balanço auto-exegético de maturidade da sua formação intelectual.

Republicando *Interpretação do Brasil*, em edição cuidadosamente organizada, anotada e comentada por Omar Ribeiro Thomaz, a Companhia das Letras presta relevante serviço à inteligência brasileira.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Católica de Pernambuco

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. 3. ed. Org. e introd. de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p. Coleção “Retratos do Brasil”.

Um dos mais originais entre os escritores brasileiros de todos os tempos, precursor do Modernismo, João do Rio é hoje um autor quase que esquecido do leitor brasileiro. No início dos anos noventa, o Instituto Moreira Salles, associado à Fundação Casa de Rui Barbosa e à Editora Scipione, reeditou alguns dos livros do grande cronista da vida social carioca, entre os quais os romances *A correspondência de uma estação de cura* e *A profis-*

são de Jacques Pedreira, este quase que inédito, de vez que o autor, através de autorização judicial, conseguiu que fosse destruída a sua primeira edição, por conta do grande número de erros tipográficos. Em 1900, a Global Editora publicou uma coletânea de seus contos, organizada por Helena Parente Cunha.

A reedição de *A alma encantadora das ruas* reveste-se, portanto de especial significado, considerando, inclusive, o lugar de destaque desse livro no conjunto da obra de João do Rio. Através das crônicas que o compõem, evidencia-se não somente o escritor dotado de estilo extraordinariamente pessoal e grande capacidade expressiva, mas, igualmente a notória vocação etnográfica, senão sociológica, do autor, não por acaso, de um clássico obrigatório ao pesquisador das manifestações religiosas da cidade que ele tanto amou e mesmo do Brasil, *As religiões do Rio*, publicado em 1904.

Embora o escritor, já na primeira crônica do livro – “A rua” – faça a apologia do *flâneur* – “Flanar é a distinção de perambular com inteligência” – (p.51), *A alma encantadora das ruas* não resulta simplesmente da observação aleatória e superficial dos fenômenos de que trata. É baseado em grande número de entrevistas, na observação sistemática dos fatos, que João do Rio nos descreve uma multiplicidade de expressões da vida social e da cultura do Rio de Janeiro das duas primeiras décadas do século XX. Estudando, por exemplo, a mendicância infantil, informa: “Em quatro dias interrogamos noventa e seis garotos, estrangeiros, negros, mulatos [...]”(p. 310). Na mesma crônica, registra: “Fui encontrar na ponte das barcas Ferry alguns de volta de Niterói. [...] Só nessa tarde interroguei seis [...]” (p. 305).

Investigando os trabalhadores dos depósitos de manganês e de carvão, expressa-se como autêntico pesquisador social: “Dias inteiros de bote, estudando a engrenagem dessa vida esfalfante, saltando nos paiós ardentes dos navios e nas ilhas inúmeras [...]” (p. 271). “Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva” (p. 257), explica em crônica sobre essa categoria profissional. São evidências da inquestionável dimensão etnográfica de *A alma encantadora das ruas*, no que se revela, também, a marca do naturalismo na formação da personalidade inte-

lectual de João do Rio. Afinal, uma das características mais marcantes do naturalismo está precisamente na preocupação com a descrição meticulosa dos modos de agir, pensar e sentir, tomando de empréstimo a fórmula durkheimiana, do homem em sociedade, e a escola naturalista, ou realista, ainda estava bastante em voga à época de João do Rio.

No entanto, não deixa de ser curioso o fato de que, apesar da ostensiva preocupação com a observação sistemática do comportamento, das crenças, dos valores e das atitudes das categorias e grupos sociais que estuda, fazendo de João do Rio um inquestionável precursor da pesquisa de campo nos estudos sociais no Brasil, em nenhuma das 27 crônicas que compõem *A alma encantadora das ruas* aparecem os termos “sociologia” e “sociológico”. O fato é tão mais intrigante quanto sabemos que o autor era filho de um entusiástico adepto das idéias de Auguste Comte, tendo, inclusive, recebido os sacramentos da apresentação no Templo da Humanidade, na antiga Travessa do Ouvidor. A estranheza do fato, porém, é apenas aparente: a um espírito tão apaixonado pelo “rumor do estômago da cidade” (p. 89) não podia interessar as especulações mais filosóficas do que propriamente sociológicas do criador do positivismo. A João do Rio interessava antes flagrar o ato humano na sua expressão concreta, imiscuindo-se o observador com o observado, e não especular sobre presumíveis motivos dos seres humanos no seu agir cotidiano. Acresça-se, ainda, o fato de que João do Rio está mais para Gabriel Tarde do que para Émile Durkheim, e não há por que descartar a possibilidade de influência do célebre opositor de Durkheim sobre João do Rio. Como quer que seja, parte o autor de *A alma encantadora das ruas* do indivíduo, do nível microsocial das relações humanas, para o macrosocial. Hoje seria o que se usa denominar como atomista, em oposição aos adeptos da perspectiva holística ou macroestrutural em Ciência Social. Daí a freqüência do apelo à Psicologia – João do Rio, cabe lembrar, é também autor de uma *Psicologia urbana* (1911).

Através de *A alma encantadora das ruas*, o leitor entra em contato com o escuro submundo camuflado pelas cores e

luzes do Rio de Janeiro da *belle époque*, ou, para empregarmos o conceito de um outro estudioso apaixonado das grandes cidades, Robert E. Park, com os “mundos sociais” que formam a surpreendente colcha de retalhos daquela metrópole: o mundo dos vendedores de brochuras populares e orações, o dos meninos tatuadores, o dos mendigos, o dos chineses fumadores de ópio, o dos velhos cocheiros em decadência, o dos músicos ambulantes, o das pobres comerciárias suburbanas, o dos trabalhadores da estiva, o dos presidiários, o dos imigrantes, o dos moradores dos cortiços, o das prostitutas, o dos “urubus” (vendedores de ataúdes), o dos sem teto, o dos ciganos, entre outras categorias sociais. Não escapa ao cronista a observação de outros aspectos da cidade que soube estudar como poucos, a exemplo das pinturas dos bares e restaurantes populares, das tabuletas dos estabelecimentos comerciais, dos presepes, da missa do “galo”.

Não pense o leitor, contudo, que a inclinação etnográfica de João do Rio faz sombra ao escritor de excepcionais virtudes expressivas, ao precursor do modernismo, na elegante e poética coloquialidade da sua prosa, na riqueza das suas imagens (ver, notadamente, a primeira crônica do livro, originalmente conferência pronunciada em 1905: “A rua”). Somente a título de ilustração: “...ninguém naquele perpétuo tumulto, ninguém *no rumor do estômago da cidade*, olhava sequer para o negócio desesperado de cigano” (grifo nosso). Como não lembrar, a propósito, o registro da estupefação de Max Weber, segundo sua esposa Marianne Weber, ao visitar Chicago em 1904, para quem conhecer aquela cidade “...it was like looking at a man whose skin had been peeled off and whose intestines are seen at work”⁷. Desse modo, além de precursor da pesquisa de campo nos estudos sociais, João do Rio é, sem margem a contestação, o instaurador, talvez *a la diable*, da Sociologia e da Antropologia urbanas no Brasil.

Dandy, “...mulato, gordo, homossexual” (como sublinha o organizador da obra), homem da noite, *bon vivant*, jornalista e

⁷ BULMER, Martin. *The Chicago Scholl of Sociology*; Institutionalization, Diversity, and The Rise of Sociological Research. Chicago: The University of Chicago Press, 1984. p. 23.

proprietário de jornal, contista, dramaturgo de sucesso (algumas de suas peças foram encenadas em Buenos Aires e Lisboa), membro da Academia Brasileira de Letras, João do Rio, é bem possível, teve a memória da sua obra comprometida pelos preconceitos em relação ao homossexualismo, o qual provavelmente o impelia, por identificação, às categorias marginais da sociedade, objeto preferido de sua atenção.

A recente publicação de alguns ensaios biográficos sobre João Paulo Alberto Coelho Barreto – este o seu nome verdadeiro –, notadamente os trabalhos de Renato Cordeiro Gomes⁸ e João Carlos Rodrigues⁹ parecem indicar a incipiente emergência de renovado interesse pela sua produção literária entre os nossos intelectuais.

Originalmente publicado pela Garnier, em 1908, reunindo crônicas/reportagens anteriormente publicadas na revista *Kosmos*, a partir de 1904, *A alma encantadora das ruas* veio a reaparecer em uma segunda edição pela Simões em 1951. Esperamos que essa terceira e bem cuidada edição venha a contribuir para despertar a atenção do público e, particularmente, dos nossos cientistas sociais interessados pelos aspectos e problemas da cultura urbana no Brasil, para um notável precursor, repita-se, da Sociologia e da Antropologia urbanas, assim como da pesquisa de campo entre nós, precursor infelizmente negligenciado por tais estudiosos.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Católica de Pernambuco

⁸ GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio – vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

⁹ RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio – uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.